

Opiniões dos Contadores acerca dos Fatores Condicionantes da Descontinuidade de Pequenas Empresas na cidade De Montes Claros (MG): Uma abordagem da Análise Fatorial

Geraldo Alemandro Leite Filho (UFLA e UNIMONTES) - geraldo.alemandro@hotmail.com

Luiz Marcelo Antonialli (UFLA) - lmantonialli@uol.com.br

Ana Flávia Guedes Figueiro Flávia Guedes Figueiro (MG) - anaflavianc@yahoo.com.br

Resumo:

O objetivo deste trabalho foi investigar os fatores que causaram a descontinuidade de pequenas empresas na cidade de Montes Claros (MG), sob o ponto de vista dos contadores. Os dados foram coletados por meio de questionários estruturados de uma amostra probabilística de 52 contadores identificados como prestadores de serviços contábeis terceirizados a pequenas empresas. Os dados foram tabulados no programa SPSS e tratados por meio de Análise Fatorial. Das 51 assertivas evidenciadas no questionário, foram extraídos 15 fatores empíricos que explicaram os motivos da descontinuidade das empresas da amostra. Foram eles: Insuficiência de recursos financeiros; Falta de Controles Gerenciais; Deficiente gestão financeira e de ativos; Aspecto Comportamental do gestor; Deficiente gestão estratégica; Falta de Planejamento estratégico; Política Econômica Brasileira; Carga tributária Elevada; Variações de mercado; Posicionamento e Concorrência; Falta de experiência empresarial; Ausência de formação e comportamento empreendedor; Deficitária estrutura, estratégia e tecnologia e problemas de qualificação e comunicação. Conclui-se com o estudo que não há como direcionar a mortalidade das empresas para uma causa única, mas sim para um conjunto de fatores que agem em conjunto gerando a descontinuidade das atividades.

Palavras-chave: *Descontinuidade, gestão empresarial, Análise Fatorial*

Área temática: *Novas Tendências Aplicadas à Gestão de Custos*

Opiniões dos Contadores acerca dos Fatores Condicionantes da Descontinuidade de Pequenas Empresas na cidade De Montes Claros (MG): Uma abordagem da Análise Fatorial

Resumo

O objetivo deste trabalho foi investigar os fatores que causaram a descontinuidade de pequenas empresas na cidade de Montes Claros (MG), sob o ponto de vista dos contadores. Os dados foram coletados por meio de questionários estruturados de uma amostra probabilística de 52 contadores identificados como prestadores de serviços contábeis terceirizados a pequenas empresas. Os dados foram tabulados no programa SPSS e tratados por meio de Análise Fatorial. Das 51 assertivas evidenciadas no questionário, foram extraídos 15 fatores empíricos que explicaram os motivos da descontinuidade das empresas da amostra. Foram eles: Insuficiência de recursos financeiros; Falta de Controles Gerenciais; Deficiente gestão financeira e de ativos; Aspecto Comportamental do gestor; Deficiente gestão estratégica; Falta de Planejamento estratégico; Política Econômica Brasileira; Carga tributária Elevada; Variações de mercado; Posicionamento e Concorrência; Falta de experiência empresarial; Ausência de formação e comportamento empreendedor; Deficitária estrutura, estratégia e tecnologia e problemas de qualificação e comunicação. Conclui-se com o estudo que não há como direcionar a mortalidade das empresas para uma causa única, mas sim para um conjunto de fatores que agem em conjunto gerando a descontinuidade das atividades.

Palavras-chave: Descontinuidade, gestão empresarial, Análise Fatorial.

Área temática: Novas Tendências Aplicadas à Gestão de Custos

1. Introdução

Para a Contabilidade, as empresas ou entidades são organismos vivos que irão operar por período de tempo indeterminado. Este aspecto é destacado teoricamente como o princípio da Continuidade, referindo-se ao ambiente em que a entidade atua na premissa de que irá operar por um período de tempo relativamente longo. Contudo, na prática empresarial, verifica-se assimetria entre a teoria e a prática quando um histórico de fatores sinalizarem tendências de descontinuidade.

Todos os mecanismos criados com o intuito de garantir a uniformidade e regulamentar a Ciência Contábil foram criados para que a Contabilidade pudesse assegurar aos patrimônios das entidades, condições de continuidade. Desta forma, todos os postulados, princípios e convenções foram criados com o objetivo de auxiliar à gestão das entidades. Supõe-se que a não observância deles, pode ser uma das causas da descontinuidade das entidades.

A constituição de uma empresa reflete o potencial de geração de benefícios futuros não somente para sua parte constituinte como também para o meio em que está inserida. Entretanto, muitas empresas, por não conseguirem auferir tais benefícios, conseqüentemente não conseguem sobreviver. A mortalidade das empresas acaba trazendo problemas econômicos e sociais no ambiente em que a mesma estava inserida. Observa-se que a dinâmica e o crescimento da economia dos países em desenvolvimento dependem, em grande parte, da capacidade de criar empresas capazes de sobreviver para gerar trabalho, renda para população por longos períodos de tempo, para alcançar assim um posicionamento adequado na economia mundial.

Apesar da representatividade econômica das empresas brasileiras, destacando-se as pequenas empresas responsáveis por parcela significativa da geração de emprego e renda nacional, têm-se observado que as mesmas encontram significativas dificuldades para

condução de suas atividades e permanência no mercado. Para Motta (2000), são vários os fatores que provocam esta vida efêmera: a opressão e concorrência das grandes empresas, limitações do mercado, dificuldades na obtenção de recursos financeiros, o gerenciamento do capital de giro, a carga tributária elevada. No entanto, segundo o autor, além desses fatores existem os que são altamente influentes à empresa: a baixa capacidade para gerir os negócios.

Supõe-se que a mortalidade (descontinuidade) de empresas pode ser um dos problemas que compromete o crescimento econômico. Estudos têm demonstrado suscetibilidade para o fechamento de empresas, principalmente nos primeiros anos de existência. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2005), em torno de 70% das empresas não superam as dificuldades iniciais inerentes ao ambiente empresarial e encerram suas atividades nos três primeiros anos e meio de atividade. Tais informações podem ser comprovadas pelo estudo realizado sobre Mortalidade de Empresas pela Fundação Universitária de Brasília – FUBRA (2004) e pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2004). Para as empresas constituídas na Junta Comercial De Minas Gerais – JUCEMG, nos anos de 2002, 2001 e 2000, a taxa de mortalidade encontrada foi de 45% para aquelas com até dois anos de existência, 50% no caso de estabelecimentos com até 3 (três) anos e 47,4% não permanecem no mercado além dos 4 (quatro) anos (SEBRAE, 2004).

O estudo dos diversos fatores que provocaram o encerramento das atividades operacionais das empresas tem motivado pesquisas nesta temática. Apesar da relevância do assunto considera-se um número pequeno e disperso de investigações relacionadas, principalmente no caso brasileiro. Apesar disto, instituições têm se preocupado com aspectos de descontinuidade de empresas e têm feito pesquisas periódicas e longitudinais. O SEBRAE e a FUBRA realizaram pesquisa por amostra nas 12 Unidades da Federação, identificaram as taxas de mortalidade nas Empresas de Pequeno Porte nas cinco regiões do país, para empresas constituídas nos anos de 2000, 2001 e 2002, com empresas constituídas e registradas nestes anos e levantaram os principais fatores que provocaram a descontinuidade de suas atividades. Ainda, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) através do Cadastro Central de Empresas, divulgado em 2000, expuseram sobre o assunto delimitando as empresas constituídas entre 1999 e 2000. Em 1997, o mesmo Instituto divulgou pesquisa sobre a sobrevivência das unidades locais criadas neste ano, a permanência das empresas no mercado em uma análise setorial envolvendo as cinco regiões do país. Constam ainda artigos, teses e dissertações sobre a Mortalidade de Empresas em diversas regiões do Brasil (ANDRES; HERMANN, 2005; ERCOLIN, 2007; ESPINHA; MACHADO, 2005; FERREIRA, 2006).

Numa abordagem internacional, destaca-se a atuação do *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM), pesquisa liderada pela *London Business School* e o *Babson College* (EUA) cuja proposta é avaliar o empreendedorismo no mundo a partir dos indicadores comparáveis. Em 1999 realizou seu primeiro ciclo, envolvendo mais de 40 países, inclusive o Brasil. Aperfeiçoada a cada ano, a pesquisa confirma a postura empreendedora do povo brasileiro. Na edição de 2008, o Brasil ficou em 13º lugar no ranking do empreendedorismo, sendo a taxa de empreendedores em estágio inicial do país de 12,02%, atrás de países como a Bolívia e Peru, primeiro e segundo colocados na pesquisa.

Devido à importância das empresas locais como fonte geradora de recursos julga-se relevante identificar quais os aspectos causadores de sucesso ou fracasso, para se entender todos os fenômenos que direta ou indiretamente influenciam na continuidade, informando ao empresário, contador e comunidade em geral possíveis alternativas de gestão de negócios visando o alcance da efetividade e o sucesso empresarial. O conhecimento das causas de mortalidade pode ser condição para possível criação de instrumentos capazes de minimizar os índices de descontinuidade em empresas, como políticas de incentivo a criação e sobrevivência destas.

Pela preocupação em saber as dificuldades enfrentadas pelas empresas descontinuadas, o objetivo principal desta pesquisa foi identificar os fatores causadores da descontinuidade de pequenas empresas na cidade de Montes Claros (MG). De forma específica, verificou-se sob as categorias: financeira, de mercado, macroeconômico, estrutura, administração estratégica e comportamento empreendedor quais foram os motivos para a descontinuidade das atividades das empresas.

A justificativa pela escolha desta localidade reside no fato de que a cidade é considerada um pólo de desenvolvimento econômico da região do norte de Minas Gerais, destacando-se principalmente nas atividades de indústria, comércio e serviços. Outra justificativa reside no fato de que pesquisas similares foram desenvolvidas em outras localidades no Brasil e os resultados encontrados podem corroborar ou refutar achados, criar base de dados para comparações bem como complementar o entendimento das causas de mortalidade de pequenas empresas brasileiras.

O artigo está subdividido da seguinte forma: primeiro a introdução, em seguida referencial teórico usado como fundamentação para a pesquisa, a abordagem metodológica, em seguida os resultados, conclusões e referências utilizadas.

2. Referencial teórico

A criação de novos negócios é uma das causas da prosperidade social, econômica e financeira, na medida em que permite a geração de novos empregos e de oportunidades para a sociedade, além de contribuir para o aumento da competitividade e a eficiência econômica (SANTOS, 2007). São as empresas, as responsáveis pela geração da renda nacional e criação ou implementação de inovações e oportunidades. Neste sentido, destacam-se aspectos como administração, recursos pessoais, finanças, mercado e produção devem ser atentados para que se almeje uma gestão eficaz, fazendo necessária a adoção de instrumentos, como um planejamento a longo prazo, onde a organização mantenha um fluxo de caixa equilibrado, rentabilidade, baixo grau de inadimplência, controle de despesas, capacidade de negociar, atenção aos clientes, clima organizacional harmonioso, entre outras coisas. Supõe o autor que, ao seguir os aspectos acima destacados, a empresa estará visando sobreviver no mercado e um retorno aceitável para seu investimento.

Segundo Degen (2005), para as empresas garantirem sua sobrevivência em meio às adversidades, necessário se torna que ela mantenha uma capacidade de adaptação e mudança em relação a seu ambiente. A turbulência no ambiente empresarial gera um clima de incerteza para a tomada de decisões. Assim, conceitos de gestão estratégica passaram a se incorporar como ferramenta de controle da turbulência ambiental (OLIVEIRA, 1986). Por outro lado, observam-se empresas que adotam outras formas de gestão, com características mais reativas, consumindo esforços gerenciais e recursos que não são utilizados pela gestão estratégica (ERCOLIN, 2007).

Ainda segundo Ercolin (2007), a maior parte dos registros sobre a descontinuidade de empresas não apontam de maneira confiável a causa da cessação das mesmas e poucos países exigem a notificação do registro. Para a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2002) uma das formas para descobrir se a empresa desapareceu tem sido a verificação se a produção está zerada e se não há empregados.

Estudos do IBGE (2005) e SEBRAE (2004), a nível nacional, têm apontado que a maioria das empresas que nasceram e morreram no país foram de pequeno porte e pertencentes ao setor comercial. Das empresas criadas, 94% tinham até quatro funcionários e baixo faturamento (consideradas como micro ou pequenas) e concentram 61,9% do pessoal ocupado nestes novos empreendimentos. Das empresas extintas, verificou-se que 96,7% delas tinham até quatro funcionários e concentraram mais de 60 % da mão-de-obra formal. A mortalidade incidente nestas pequenas empresas pôde ser explicada em princípio, segundo o

SEBRAE (2004) pela dificuldade de crédito, menor capacidade competitiva e dificuldade de adaptação ao ambiente e suas mutações.

Espinha e Machado (2005) consideram que para compreender a descontinuidade é preciso conhecer as causas que a empresa deixou de atuar no mercado, pois as empresas podem encerrar suas atividades por uma combinação de fatores internos e externos. Os fatores internos, segundo os autores, compreendem: falta de habilidade gerencial, fraca gestão estratégica, falta de capitalização, falta de visão, falha no design do produto, falha na competência pessoal básica, fraca utilização de capital de terceiros e falha no tempo de fabricação de produtos. Entre os fatores externos estariam, por exemplo, a baixa cooperação dos acionistas e problemas nas condições externas de mercado. Os mesmos autores em um estudo comparativo com empreendedores e investidores apontaram os fatores acima destacados como causas do fracasso empresarial. Geralmente estudos não apontam distinção entre fracasso, mortalidade, declínio e falência. Situações são analisadas como sinônimos de fracasso, mas podem conduzir a diferentes resultados. A falência, por exemplo, não resulta necessariamente no término da empresa (HISRICH; PETERS, 2004).

O SEBRAE (2004) identificou as causas que levaram ao insucesso as empresas no Brasil, evidenciando que um dos principais fatores que tem contribuído para essa situação é a falta de capital de giro (45,8% das respostas), elemento crucial para o fechamento das empresas segundo os empresários, vindo a seguir a elevada carga tributária (41,7%), fator apontado em outras pesquisas correlatas do SEBRAE. Acrescentando aos dois fatores problemas financeiros, concorrência muito forte, existência de maus pagadores, falta de clientes, localização inadequada, recessão econômica e ausência de habilidades para gerenciar o negócio. A pesquisa SEBRAE afirma que “a alta mortalidade das empresas no Brasil está fortemente relacionada, em primeiro lugar, a falhas gerenciais na condução dos negócios, seguida de causas econômicas conjunturais e tributárias” (SEBRAE, 2004, p.16).

Outro estudo do SEBRAE-SP (2008) verificou que, em geral, as causas do fenômeno de mortalidade sofrem pouca variação. A cada novo estudo, constatou-se também que não é possível atribuir a um único fator a causa da mortalidade das empresas. Dentre os fatores contribuintes para o encerramento prematuro dos negócios de empresas paulistas, foram identificados a ausência de um comportamento empreendedor, falta de planejamento prévio, gestão deficiente do negócio, insuficiência de políticas de apoio, flutuações na conjuntura econômica e problemas pessoais dos proprietários.

Chér (1991) atribui a mortalidade das pequenas empresa aos seguintes fatores: a) Inexperiência no ramo de negócios: falta de informação e conhecimento prévio ocasiona falta de competência administrativa, falta de resistência e incapacidade de assumir riscos; b) efeito sanduíche: as empresas compram de grandes fornecedores e vendem para grandes clientes e dessa forma, os preços acabam sendo impostos tanto por parte do fornecedor, com a matéria-prima, quanto pelos compradores com o produto final. Nessa situação, a empresa acaba sendo “devorada”; c) Legislação Tributária; d) baixo volume de crédito e financiamento; e) mão-de-obra desqualificada; f) atendimento excessivo de objetivos pessoais; g) obsolescência de métodos, equipamentos e mentalidade empresarial; h) falta de comunicação entre sócios, funcionários, fornecedores, clientes.

Degen (2005) observou que a falta de conhecimento e habilidades administrativas, mercadológicas, financeiras e tecnológicas são principais razões para o insucesso empresarial. Sendo razões mais importantes: Falta de experiência empresarial; Conhecimento inadequado do mercado; Insuficiência de disponibilidade de capital para iniciar o negócio; Problemas de qualidade de produto; Localização errada; Erros gerenciais no desenvolvimento do negócio; Capitalização excessiva em ativos fixos; Inadimplência de credores; Ineficiência de marketing e vendas; Excessiva centralização gerencial do empreendedor; Crescimento mal planejado; Atitude errada do empreendedor para com o negócio; Erro na avaliação da reação do

concorrente; Rápida obsolescência do produto; Abordagem incorreta de vendas; Problemas de produção do produto; Escolha do momento errado para iniciar o empreendimento; Falta ou erros de planejamento do empreendimento, como na projeção de vendas, de custos e do fluxo de caixa.

A pesquisa do Global Entrepreneurship Monitor (GEM) realizada em 2000 abordou que os entraves para as empresas estão no acesso ao capital necessário e em seu custo, na elevada carga de tributos e nas exigências fiscais e legais e na capacitação para gestão do negócio. Pode-se, ainda, somar a este problema as questões relacionadas à inadimplência, dívidas e desgastes emocionais provocados pela falência. Isto acaba comprometendo o próprio “nome” do empreendedor, uma vez que no Brasil, mais difícil que legalizar uma nova empresa é encerrá-la.

Previdelli (2001) na pesquisa sobre mortalidade de empresas no município de Maringá, no estado do Paraná, atribuiu a mortalidade precoce de empresas aos problemas financeiros, elevada carga tributária, concorrência acirrada e falta de clientes. Numa pesquisa do mesmo gênero na cidade de Londrina, Dutra (2003) ratificou as mesmas causas sobre a mortalidade da cidade de Maringá, acrescentando aos fatores problemas particulares do empresário, falta de crédito e a concorrência forte.

Felippe et al (2000), numa investigação com empresários que tiveram empresas fechadas em São José dos Campos, estado de São Paulo, concluiu os principais fatores que interferiram na gestão dos empreendimentos: falta de clientes, escassez de capital de giro, carga tributária elevada, ponto inadequado, recessão econômica do país e inadimplência. Neste estudo, o fechamento das empresas parece estar associados à falta de conhecimento sobre o mercado atuante como também a falta de conhecimentos sobre a própria gestão administrativo-financeira, pois parcela importante dos proprietários das empresas que se extinguíram não possuía experiência anterior no ramo de atividade onde estava atuando. Além disso, apenas 17,64% dos proprietários entrevistados possuíam formação na área de negócios, fator considerado relevante, exercendo impacto significativo na sobrevivência das empresas.

Yonemoto (1998) observou a influência dos fatores externos e internos no sucesso ou fracasso nas empresas de pequena dimensão, verificando que empreendedores, em geral, entram nos mercados despreparados, e que técnicas e habilidades administrativas são áreas decisivas para o sucesso. Para o autor, as causas de insucesso estariam relacionadas a fatores externos (política, economia, instabilidade de mercado, etc.), fatores internos (fluxo de caixa, finanças, aperfeiçoamento de produto, divulgação, vendas, comercialização, não busca assessoria técnica/profissional, etc.) e fatores relacionados ao perfil do empreendedor (falta de capacitação, competência gerencial, problemas de sucessão, etc.).

De acordo com De Mori (1998), os fatores internos citados por Yonemoto (1998) estão relacionados diretamente ao funcionamento da empresa e que podem ser modificados por ela. “A análise interna tem por finalidade colocar em evidência as deficiências e qualidades da empresa que está sendo analisada, ou seja, os pontos fortes e fracos da empresa deverão ser determinados diante da sua atual posição produto-mercado” (Rebouças, 1991, pág. 94).

Sobre os aspectos externos ressaltados por Yonemoto (1998), destaca-se o ambiente, no qual a empresa passa por problemas como falta de crédito, inadimplência e a falta de poder aquisitivo dos clientes (GREATTI, 2003), além de fatores macroeconômicos como recessão econômica, a concorrência e fatores específicos como morte dos sócios, falta de sucessores, assaltos, roubos, e incêndio (ESPINHA; MACHADO, 2005).

Greatti (2003) estudou as causas da descontinuidade empresarial relacionando-a com a ausência de características empreendedoras no empresário, investigando as habilidades, competências, comportamento e características individuais que em conjunto formavam o perfil empreendedor, concluindo que a ausência destas habilidades, competências,

comportamento e características individuais foram responsáveis pela descontinuidade das empresas.

Em outro estudo realizado sobre os fatores que influenciam na longevidade de empresas, realizado pelo SEBRAE, averiguou a taxa de mortalidade para os anos iniciais de vida de empresas, formalmente constituídas no estado de Minas Gerais, nos anos de 1995 e 1996. A pesquisa revelou que o primeiro ano de vida representou, em geral, o período de maior risco na vida de qualquer empresa, quando ela procura se firmar no mercado, testar a aceitação do seu produto e criar seus mecanismos e instrumentos de gestão e controle.

De forma simétrica aos estudos já citados, dados consolidados do Departamento Nacional de Registro do Comércio (DNCR, 2004) informaram que apenas 10% dos estabelecimentos encerram suas atividades formalmente, isto é, protocolam nas respectivas “juntas comerciais” o pedido de “baixa” no registro da empresa. Os principais motivos alegados para este comportamento são o custo elevado e o desconhecimento do processo de “baixa” no registro da empresa, sendo que a maioria também diz possuir a esperança de reativar as atividades (SEBRAE, 2004). As estatísticas oficiais referentes à extinção de empresas não expressam a realidade brasileira, pois muitos negócios fecharam as suas portas sem dar baixa nas instituições de registros oficiais (AZEVEDO, 1992).

3. Abordagem metodológica

A pesquisa caracterizou-se como descritiva, pois descreveu os fatores que foram determinantes na descontinuidade das empresas. Quanto à abordagem do problema, utilizou-se de avaliação quantitativa, identificada pelo uso de ferramentas estatísticas na coleta e no tratamento dos dados (BEUREN, 2003).

Optou-se pelo levantamento com a coleta de dados feita por meio do questionário estruturado com 51 perguntas fechadas (assertivas), definidas conforme plataforma teórica de fatores causadores de descontinuidade das empresas subdivididos em seis categorias de análise (aspectos financeiro, de mercado, empreendedor, administração estratégica, macro econômico, estrutura e razões gerais para a descontinuidade). Foram elaboradas assertivas com escalas de atitudes de intervalo de concordância de 0 a 10, sendo dez maior grau de concordância. Os questionários foram aplicados aos contadores cadastrados no Conselho Regional de Contabilidade (CRC), atuantes na cidade de Montes Claros, Minas Gerais, no período de abril a maio de 2009, os quais prestavam serviço terceirizado de contabilidade para pequenas empresas com escritórios constituídos na referida cidade. A abordagem inicial foi de realizar a pesquisa com os empresários que tiveram as organizações desconstituídas, entretanto, devido às adversidades e a dificuldade de encontrar uma listagem com os dados dos representantes das empresas encerradas na cidade em um determinado período e de encontrar os empresários que seriam alvo da pesquisa, optou-se pela realização da pesquisa com os contadores, subtendendo que estes são conhecedores das mudanças que envolvem a empresa e capacitados de descrever e citar quais foram os fatores que provocaram a descontinuidade das empresas sob sua responsabilidade contábil.

Os questionários foram entregues aos respondentes e recolhidos depois de respondidos, sendo que todos foram submetidos às mesmas perguntas e às mesmas alternativas de respostas, previamente definidas. Escolheu-se este tipo de instrumento de coleta de dados em função da facilidade em obter as informações e das questões a serem pesquisadas elaboradas a partir de uma base teórica e empírica – estudos correlatos sobre mortalidade de empresas no Brasil.

Foram realizados dois pré-testes, com dois contadores, para verificar a coerência dos termos, possíveis falhas, inconsistências, complexidade de questões formuladas, ambiguidade, exaustão, etc. Isso com o intuito de eliminar possíveis falhas na execução da coleta de dados, verificando assim os critérios de validade do mesmo. Observou-se com o pré-teste uma

dificuldade na obtenção de respostas, visto a generalização dos fatores expostos e questionados em uma única pergunta, além da exaustão do respondente devido à extensão das perguntas. Foi decidido então, a categorização de fatores, distribuindo as 51 assertivas em seis categorias de análise, já mencionados no texto, onde os mesmos foram apresentados em grupos de fatores, com o intuito de uma melhor orientação e subdivisão das perguntas, visando uma melhor organização, coleta e análise dos dados. Feitas as alterações, o questionário foi aplicado aos sujeitos componentes da amostra.

A técnica de amostragem aplicada à pesquisa foi a amostragem probabilística aleatória simples com reposição de população finita (MATTAR, 1994). O dimensionamento da amostra foi feito considerando-se o erro a um máximo de 10% nas inferências sobre as características da população, com um nível de confiabilidade de 90%. Do universo formado por 301 contadores, extraiu-se uma amostra de 55 contadores, os quais foram aplicados os questionários. A amostra correspondeu a 18,27% do total do universo, composto pelos contadores registrados no Conselho Regional de Contabilidade localizado na cidade de Montes Claros. Utilizada a técnica de amostragem probabilística aleatória simples com reposição, sorteou-se manual e casualmente dentro do universo os 55 contadores que seriam os respondentes da pesquisa. Dos 55 questionários obtidos, 52 foram considerados como válidos e três descartados durante o processo de análise dos dados por apresentarem muitos dados faltantes (*missings*) e muitas divergências (*outliers*). Os dados obtidos foram analisados por meio do software *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS®), utilizando-se da Análise Fatorial.

A Análise Fatorial procura explicar a correlação entre as variáveis observáveis simplificando os dados por meio da redução do número de variáveis necessárias para as descrever (PESTANA; GAGEIRO, 2005). Desta forma, a análise dos dados, segundo o método acima citado, visa a busca de um conjunto menor possível de fatores para se fazer julgamentos de aspectos que têm a mesma relevância frente ao conjunto de assertivas. Com essa análise pode-se separar e agregar elementos muitas vezes indistintos, obtendo uma visão integral das concepções prévias dos respondentes. A seguir apresentam-se os resultados e discussão.

4. Resultados

Antes de submeter os dados à Análise Fatorial, realizou-se o teste de normalidade dos dados Komolgorov-Smirnov (K-S) de uma amostra, com significância de 0,05 apresentou-se que 54 % das variáveis seguiam distribuição normal de probabilidades ($\alpha > 0,05$) e que 46 % eram não normais ($\alpha < 0,05$). Tendo em vista que uma parte dos dados não atendera o critério da normalidade, optou-se por utilizar a redução de variáveis pelo método de Análise Fatorial Não-Métrica (AF), que conforme Dillon e Goldstein (1994), Johnson (2000) e Cooper e Schindler (2003), pode ser usada, para a redução de variáveis e a criação de fatores ou variáveis provenientes de combinações lineares. Para Hair et al (2005) as suposições críticas na análise fatorial são mais conceituais do que estatísticas, sendo a normalidade necessária somente se um teste estatístico é aplicado para a significância dos fatores, mas esses testes raramente são usados, tampouco foi objetivo desta pesquisa.

Posteriormente, com o objetivo de validar as variáveis tratadas na amostra para obter os fatores foi aplicada a técnica do Alfa de Cronbach, que permite ao analista obter uma informação qualitativa relevante em termos de grau de validade das referidas variáveis perante o total da amostra. Nesse sentido, para todas as variáveis, foi obtido o coeficiente de 0,928 que significa, de acordo com Pereira (2001, p.87), que o indicador representa 92,8 % do universo dos possíveis indicadores de impacto constituído pelo mesmo número de itens. Procedeu-se, também, a análise de cada variável, sendo que as mesmas se apresentaram acima de 92 %, denotando que as questões foram respondidas de forma coerente pelos entrevistados,

e que, portanto, as variáveis apresentam uma satisfatória consistência interna (HAIR JR. et al, 2005).

Para se processar a análise fatorial, realizou-se o teste de adequação de amostragem de Kaiser-Meyer-Olkin (*KMO test*), que mostra se os dados podem ser tratados pelo método de Análise Fatorial (AF) e o teste de Esfericidade de *Bartlett*, que indica se a matriz de correlação tem aderência à matriz identidade (HAIR et al, 2005; PEREIRA, 2001) cujos resultados são descritos no quadro a seguir:

Quadro 1: Resultado do teste de adequação de KMO e de esfericidade de Bartlett

| Categorias das Variáveis | KMO | | BARTLETT | |
|------------------------------|-------|--------------|----------|---------------|
| | Valor | Qualificação | Valor | Significativo |
| 1) Financeiro | 0,594 | Razoável | 0,0001 | Significativo |
| 2) Administração Estratégica | 0,702 | Médio | 0,0001 | Significativo |
| 3) Macroeconômicos | 0,749 | Médio | 0,0001 | Significativo |
| 4) Mercado | 0,734 | Médio | 0,0001 | Significativo |
| 5) Empreendedor | 0,672 | Razoável | 0,0001 | Significativo |
| 6) Estrutura | 0,561 | Razoável | 0,0001 | Significativo |

Fonte: Dados da pesquisa 2009.

Pela análise do teste de adequação KMO verificou-se que as categorias sugeridas para a pesquisa apresentaram qualidade média a razoável para tratamento da análise fatorial (PESTANA e GAGEIRO, 2005; HAIR JR et al 2005). Para o teste de *Bartlett*, todas as categorias mostraram significativas ($p < 0,01$) indicando que há um nível de probabilidade muito adequado para a correlação entre variáveis e, portanto, o método de Análise Fatorial é, novamente, confirmado como possibilidade de uso para o tratamento dos dados. Assim, com base nestes testes, supõe-se que a análise fatorial é apropriada para tratamento dos dados em questão.

Com relação à quantidade de fatores extraídos por categoria, foram usados o método da raiz latente (HAIR JR et al 2005; MONEY et al 2009) destacando a medida da variância que o fator explica e análise do *Scree Plot* escolhendo-se a quantidade de fatores com autovalor maior do que um. O método de extração foi análise dos componentes principais e o resultado das cargas fatoriais encontradas foram com base na matriz rotacionada. A seguir apresentam-se os resultados da aplicação da técnica de análise fatorial:

A primeira categoria analisada foi o aspecto financeiro, do qual foram identificados três fatores que juntos explicaram 65,57 % da variância, conforme destacado no quadro 02:

Quadro 2: Matriz dos componentes principais rotacionada: Aspecto Financeiro

| Variáveis | Fator 1 | Fator 2 | Fator 3 |
|---|---------|---------|---------|
| Falta de crédito | 0,8506 | | |
| Falta de capital próprio | 0,8160 | | |
| Insuficiência de capital para iniciar o negócio | 0,7029 | | |
| Falta de capital de giro | 0,5799 | | 0,4386 |
| Falta de planejamento financeiro | | 0,8309 | |
| Falta de dimensionamento de capital | | 0,8151 | |
| Falta de controles financeiros | | 0,5655 | 0,5959 |
| Capitalização excessiva de ativos fixos | | | 0,7608 |
| Não uso de capital próprio/reinvestimento de lucros | | | 0,7287 |

Fonte: Dados da Pesquisa, 2009.

Na categoria dos aspectos financeiros, o fator 1 foi denominado de **Insuficiência de recursos financeiros**, com variância explicada de 29,37 % e autovalor de 2,64. Os fatores aglutinados que geraram este fator foram descritos na teoria por SEBRAE (2004), Cher (1991), Degen (2005), Dutra (2003), Felipe et al (2000) e DNRC (2004). O fator 2 relacionou fatores com **Falta de Controles Gerenciais**, com variância explicada de 22,21 % e

autovalor de 1,99, com simetria nos trabalhos de Felipe et al (2000) e SEBRAE (2004). O fator 3, relacionou variáveis com **Deficiente gestão financeira e de ativos**, com variância explicada de 13,98 % e autovalor de 1,26, destacado na teoria por Bedê e Azzonni (1999), SEBRAE (2004), Degen (2005), Dutra (2003) e Previdelli (2001).

Nesta categoria verificou-se que os respondentes deram uma ênfase na insuficiência de recursos financeiros, aliada a falta de controles financeiros e gerenciais por parte dos empresários, como causadores da descontinuidade empresarial. Ademais, estes dois fatores aliados com a deficiente gestão financeira dos ativos, principalmente com relação à imobilização excessiva e não reinvestimento de lucros ou sobras foram também significativos no fechamento do negócio.

Na categoria administração estratégica, foram identificados três fatores que juntos explicaram 65,63 % da variância, conforme apresentado no quadro 3 a seguir.

Denominou-se o fator 1 desta categoria de **Aspecto Comportamental do gestor**, responsável por 27,93 % da variância explicada e com um autovalor de 3,84, referenciado por SEBRAE (2008) e Degen (2005). Denominou-se o fator 2 de **Deficiente gestão estratégica**, com variância explicada de 23,41% e autovalor de 1,40, com referencial teórico nos trabalhos de Bedê e Azzonni (1999), SEBRAE (2004) e Rebouças (1991). O Fator 3 foi denominado de **Falta de Planejamento estratégico**, responsável por 14,29 % da variância e com autovalor de 1,33, embasado nos resultados de Oliveira (1986), SEBRAE (2008) e Degen (2005).

Quadro 3: Matriz dos componentes principais rotacionada: Aspecto Administração Estratégica

| Variáveis | Fator 1 | Fator 2 | Fator 3 |
|---|---------|---------|---------|
| Centralização do poder | 0,8617 | | |
| Falta de assessoria | 0,7693 | | |
| Falta de treinamento de pessoal | 0,5741 | | |
| Controle de estoques precários | 0,6963 | 0,5892 | |
| Qualidade dos produtos/serviços | | 0,7724 | |
| Falta de investimento em pesquisa e desenvolvimento | | 0,7711 | |
| Má gestão de custos | | 0,6839 | |
| Má administração dos fluxos de caixa | 0,4778 | 0,4811 | |
| Crescimento mal planejado | 0,5188 | | 0,5574 |
| Deficiência na gestão empresarial | | | 0,8944 |

Fonte: Dados da Pesquisa, 2009.

Na categoria administração estratégica os fatores encontrados revelaram que os principais motivos da descontinuidade repousaram no Comportamento do Gestor, destacando-se a centralização de poder, falta de treinamento e na ausência de uma gestão estratégica com Planejamento voltado para longo prazo, denotando que a técnica e as ferramentas de gestão estratégica não estão sendo usadas de forma apropriada pelos empresários das organizações descontinuadas.

Na categoria dos aspectos macroeconômicos foram identificados dois fatores que explicam juntos 62,08 % da variância, apresentados no quadro a seguir:

Quadro 4: Matriz dos componentes principais rotacionada: aspecto macroeconômico

| Variáveis | Fator 1 | Fator 2 |
|------------------------------|---------|---------|
| Problemas com a fiscalização | 0,8218 | |
| Aspectos políticos | 0,8056 | |
| Falta de políticas de apoio | 0,6242 | |
| Inflação/taxa de juros | 0,5975 | |
| Recessão econômica do país | 0,4529 | 0,6921 |
| Carga tributária elevada | | 0,8865 |

Fonte: Dados da Pesquisa, 2009.

Na categoria do aspecto macroeconômico, O fator 1 foi denominado de **Política Econômica Brasileira** que explicou 37,98 % da variação com um autovalor de 2,65, referenciado na teoria por Yonemoto(1998), SEBRAE (2008), De Mori (1998), Espinha e Machado (2005). O segundo fator, foi denominado de **Carga tributária Elevada**, com variância explicada de 21,09 % e autovalor de 1,08, referenciado por SEBRAE (2004), Cher (1991), GEM (2000), Previdelli (2001), Dutra (2003), DNCR (2004).

Nesta categoria, verificou-se que fatores exógenos têm afetado a continuidade das empresas, tais como aspectos da política e economia e carga tributária brasileira. Pode-se aqui fazer uma ligação com a categoria de administração estratégica, verificando que os empresários poderiam usar técnicas de monitoramento ambiental e planejamento a longo prazo para estudar o ambiente externo da organização e tentar minimizar os efeitos destas variáveis economia, política e tributos na gestão das organizações.

Na categoria de aspectos mercadológicos ou de mercado, foram identificados dois fatores que juntos explicam 62,60 % da variância total, evidenciados no quadro a seguir:

Quadro 5: Matriz dos componentes principais rotacionada: aspecto mercadológico

| Variáveis | Fator 1 | Fator 2 |
|--------------------------------------|---------|---------|
| Instabilidade de mercado | 0,8778 | |
| Preços acima do mercado | 0,7864 | |
| Falta de clientes | 0,7104 | |
| Inadimplência de credores | 0,6348 | |
| Desconhecimento do mercado onde atua | 0,5899 | 0,4307 |
| Concorrência muito forte | | 0,9119 |

Fonte: Dados da Pesquisa, 2009.

O Fator 1 desta categoria, denominado de **Variações de mercado** foi responsável por 44,15 de explicação da variância com um autovalor de 2,65, embasado em Felipe et al (2000), Yonemoto(1998), SEBRAE (2008), De Mori (1998), Espinha e Machado (2005). O segundo fator foi denominado de **Posicionamento e Concorrência**, explicando 18,45 % da variância com um autovalor de 1,10, referenciado na teoria por Felipe et al (2000), Dutra (2003), Cher (1991), Previdelli (2001), Degen (2005).

Os aspectos mercadológicos verificados encontram simetria nos estudos referenciados no texto, verificando que as variações de mercado e o posicionamento e a concorrência exercem influência na descontinuidade das empresas investigadas. Aspectos de Controles Gerenciais e planejamento deveriam ser usados pelas organizações, como destacados em categorias anteriores, de forma que se pudessem minimizar os efeitos da descontinuidade.

Na categoria de aspecto empreendedor, foram identificados dois fatores que juntos explicam 56,37 % da variância total, conforme quadro a seguir:

Quadro 6: Matriz dos componentes principais rotacionada: aspecto empreendedor

| Variáveis | Fator 1 | Fator 2 |
|--|---------|---------|
| Problemas de sucessão | 0,8264 | |
| Problemas particulares | 0,8218 | |
| Falta de experiência no setor | 0,8008 | |
| Ausência de planejamento prévio | 0,7139 | |
| Baixa escolaridade | 0,6400 | |
| Falta de comportamento empreendedor | | 0,7799 |
| Falta de conhecimentos e habilidades administrativas | | 0,7135 |
| Falta de dedicação ao negócio | | 0,6974 |
| Falta de conhecimento de gestão de empresas | | 0,6038 |
| Incapacidade para assumir riscos | 0,4843 | 0,5422 |

Fonte: Dados da Pesquisa, 2009.

Nesta categoria, o primeiro fator foi denominado de **Falta de experiência empresarial**, responsável por 32,85 % da variância e com um autovalor de 3,67, referenciado por Dutra (2003), Cher (1991), Previdelli (2001), Degen (2005), SEBRAE (2004), Yonemoto (1998) e Felipe et al (2000). O segundo fator denominado de **Ausência de formação e comportamento empreendedor**, responsável por explicar 23,53 % da variância e autovalor de 1,97, foi embasado em Sebrae (2008), Dutra (2003), Cher (1991), Greatti (2003), Yonemoto (1998) e Felipe et al (2000).

A falta de experiência em gestão de empresas aliada com um perfil não empreendedor e a carência de conhecimentos técnicos em administração de organizações foram os fatores relevantes levantados no aspecto empreendedor, que comprometeram a continuidade das organizações pesquisadas. Julga-se relevante assumir uma postura empreendedora aliada a conhecimentos e técnicas de gestão de organizações, supondo que tais aspectos poderiam auxiliar na manutenção da empresa no mercado.

Com relação ao aspecto estrutural, foram identificados três fatores que em conjunto explicam 64,31 % da variância, conforme quadro a seguir:

Quadro 7: Matriz dos componentes principais rotacionada: aspecto estrutural

| Variáveis | Fator 1 | Fator 2 | Fator 3 |
|--|---------|---------|---------|
| Má estratégia de vendas e marketing | 0,8527 | | |
| Instalações inadequadas | 0,7497 | 0,4018 | |
| Ponto inadequado | 0,7404 | | |
| Falta de acesso a novas tecnologias | 0,6552 | | |
| Falta de comunicação | | 0,7295 | |
| Falta de profissionais qualificados | | 0,9063 | |
| Falta de mão-de-obra qualificada | | 0,8533 | |
| Obsolescência de métodos e equipamentos | | | 0,8096 |
| Mau atendimento/relacionamento com cliente | | | 0,7248 |

Fonte: Dados da Pesquisa, 2009.

Para esta categoria, o fator 1 foi denominado de **Deficitária estrutura, estratégia e tecnologia**, responsável por explicar 26,30 % da variância e com um autovalor de 3,45, citando Degen (2005), Yonemoto (1998), Dutra (2003), Cher (1991), Previdelli (2001). O fator 2, classificado como **Problemas de qualificação e comunicação**, foi responsável por explicar 23,49 % da variância e autovalor de 1,73, foi referenciado por Cher (1991), Felipe et al (2000) e GEM (2000). O terceiro fator foi denominado de **Obsolescência técnica**, explicando 14,54 % da variância, com autovalor de 1,24, com referencial em Yonemoto (1998), Cher (1991) e Degen (2005).

Corroborando as categorias anteriores, os resultados desta categoria dão conta de que aspectos como estrutura operacional, tecnologia, gestão estratégica, comunicação empresarial, formação técnica dos recursos humanos, técnicas antiquadas, equipamentos e processos obsoletos foram fatores que dificultaram a estrutura organizacional das empresas investigadas, contribuindo para a descontinuidade.

5. Conclusão

Considerando o objetivo proposto para esse estudo, as informações obtidas permitiram concluir que diversos fatores são considerados relevantes para a descontinuidade das pequenas empresas. Conforme opinião dos contadores da cidade de Montes Claros e por meio da técnica de Análise Fatorial empregada na pesquisa, se destacaram de forma individual: Concorrência muito forte; a falta de profissionais qualificados, deficiências na gestão empresarial, carga tributária elevada, instabilidade de mercado e forte centralização de poder, como variáveis de maiores cargas fatoriais (acima de 0,85). Tais fatores foram concordantes com a maioria dos estudos citados no referencial teórico, dando a entender que não há como

direcionar a mortalidade das empresas para uma causa única, mas sim para um conjunto de fatores que agem em conjunto gerando a descontinuidade das atividades.

Desta forma, pensando em agrupar fatores, a aplicação da análise fatorial conseguiu reduzir os 51 fatores teóricos levantados pelos estudos revisados para 15 fatores empíricos, distribuídos em seis categorias de análise, significativos do ponto de vista estatístico, baseados nas respostas dos entrevistados. Assim, pode-se destacar que os fatores aglutinados responsáveis pela descontinuidade das empresas na cidade de Montes Claros foram: Insuficiência de recursos financeiros; Falta de Controles Gerenciais; Deficiente gestão financeira e de ativos; Aspecto Comportamental do gestor; Deficiente gestão estratégica; Falta de Planejamento estratégico; Política Econômica Brasileira; Carga tributária Elevada; Variações de mercado; Posicionamento e Concorrência; Falta de experiência empresarial; Ausência de formação e comportamento empreendedor; Deficitária estrutura, estratégia e tecnologia e problemas de qualificação e comunicação.

Todos os fatores encontrados pela aplicação da análise fatorial encontraram suporte teórico como causadoras de mortalidade de empresas, principalmente pelos estudos do SEBRAE e dos outros autores referenciados, corroborando os resultados de tais trabalhos. Além disso, a presente pesquisa reforça que se torna necessário uma nova postura dos entes que são ligados diretamente às empresas e aos órgãos governamentais, uma vez que, das variáveis destacadas, pode-se considerar que quatro fatores (Aspecto Comportamental do gestor; Deficiente gestão estratégica; Falta de experiência empresarial; Ausência de formação e comportamento empreendedor) estariam a cargo da formação e experiência do gestor ou responsável pela empresa e ainda três fatores (Falta de profissionais qualificados, Carga tributária elevada e Instabilidade de mercado) dependeriam de ação do governamental para serem amenizados.

Como forma de se ter continuidade nos trabalhos desta natureza, sugere-se que sejam feitas pesquisas correlatas em outras cidades, regiões e estados, de forma a levantar quais as causas da descontinuidade das empresas, comparando com estes resultados e com os resultados apresentados na revisão teórica. Julga-se necessário entender quais aspectos são os principais responsáveis pela mortalidade das empresas brasileiras, para que se possam direcionar ações para minimizar estes índices e, conseqüentemente, gerar resultados econômicos e sociais para o país.

6. Referências

- AAKER, D.A.; KUMAR, V.; DAY, G.S. **Pesquisa de marketing**. São Paulo: Atlas, 2001. 745p.
- ANDRES, R.; HERMANN, R. A. **Fatores associados à vitalidade e mortalidade das empresas em uruguiana**. Uruguiana, 2005. Disponível em: <<http://www.diretoriofaci.blogspot.com>>. Acesso em: 20 nov. 2009.
- AZEVEDO, J.H. **Como iniciar uma empresa de sucesso**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1992.
- BEDÊ, M.A.; AZZONI, C.R. **Estudo da mortalidade das empresas paulistas**. 1999. Disponível em: <<http://www.sebraesp.com.br>>. Acesso em: 25 nov. 2009.
- BEUREN, I. M. (Org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2003.
- CHÉR, R. **A gerência das pequenas e médias empresas**. 2. ed. São Paulo: Maltese, 1991.
- COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. **Métodos de Pesquisa em Administração**. 7ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.
- DEGEN, R. **O empreendedor: fundamentos da iniciativa empresarial**. São Paulo: Pearson Education, 2005.
- DE MORI, F. **Empreender: identificando, avaliando e planejando um novo negócio**. Florianópolis: Escola de Novos Empreendedores, 1998.

- DILLON, W. R.; GOLDSTEIN, M. **Multivariate analysis: methods and applications**. USA: John Wiley & sons, Inc., 1984.
- DUTRA, I. S. **Fatores condicionantes da mortalidade de empresas: um estudo dos empreendedores de micro e pequenas empresas paranaenses**. São Paulo, 2003. Disponível em :<<http://www.www.teses.usp.br/teses/disponiveis>>. Acesso em: 26 nov. 2009.
- ERCOLIN, C. A. **Fatores financeiros determinantes da mortalidade de micro e pequenas empresas**. São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.www.teses.usp.br/teses/disponiveis>>. Acesso em: 25 nov. 2009.
- ESPINHA, P. G.; MACHADO, H. P. V. **Reflexões sobre as dimensões do fracasso e mortalidade de pequenas empresas**. Guarapuava, 2005. Disponível em: <<http://www.unicentro.br/editora/revistas/capital>>. Acesso em: 25 nov. 2009.
- FELIPPE, M. C. de; ISHISAKI, N.; KROM, V. **Fatores condicionantes da mortalidade das pequenas e médias empresas na cidade de São José dos Campos**. São Paulo, 2000. Disponível em :<<http://www.www.teses.usp.br/teses/disponiveis>>. Acesso em: 30 nov. 2009.
- FERREIRA, L. F. **Estudo dos fatores contribuintes para a mortalidade precoce de micro e pequenas empresas da cidade de São Paulo**. São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.www.teses.usp.br/teses/disponiveis>>. Acesso em: 30 out. 2009.
- FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA DE BRASÍLIA – FUBRA, SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE. **Fatores Condicionantes e taxa de mortalidade de empresas no Brasil**. 2004. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/br/mortalidade_empresas/index.asp>. Acesso em: 10 nov. 2009.
- GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. **Executive report**. 2002. Disponível em: <<http://www.gemconsortium.org>>. Acesso em: 30 nov. 2009.
- GREATTI, L. **Perfis empreendedores: análise comparativa das trajetórias de sucesso e do fracasso empresarial no município de Maringá**. Maringá, 2003. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br>>. Acesso em: 25 nov. 2009.
- HAIR JR, J.F.; ANDERSON, R.E.; TATHAN, R.L.; BLACK, W.C. **Análise multivariada de dados**. 5 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- HISRICH, R.; PETERS, M. P. **Empreendedorismo**. São Paulo: Bookman, 2004.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cadastro Central de Empresas**. 2005. Disponível em <<http://www.ibge.com.br/cidades>>. Acesso em: 08 nov. 2009.
- JOHNSON, R. A. **Métodos Mutivariados Aplicados de Análise de Dados**. Mexico: International Thomson Editores, 2000.
- MINGOTI, S. A. **Análise de dados através de métodos de estatística multivariada: Uma abordagem aplicada**, Ed. UFMG: Belo Horizonte, 2005.
- MOTTA, F.G. **Fatores condicionantes na adoção de métodos de custeio em pequenas empresas**. São Paulo, 2000. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis>>. Acesso em: 05 nov. 2009.
- Organização para a cooperação e desenvolvimento econômico. 2002. Disponível em: <<http://www.oecd.org>>. Acesso em: 09 nov. 2009.
- OLIVEIRA, D.P.R. **Uma contribuição ao estudo dos instrumentos facilitadores da operacionalização do planejamento estratégico nas organizações**. São Paulo, 1986. Disponível em :<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis>>. Acesso em: 28 nov. 2009.
- PEREIRA, J. C. R. **Análise de dados qualitativos: estratégias metodológicas para as ciências da saúde, humanas e sociais**. São Paulo: EDUSP, 2001.
- PESTANA, M. H.; GAGEIRO, J. N. **Análise de dados para ciências sociais – A complementaridade do SPSS**. Edições Sílabo Ltda: Lisboa, 2005. 4ª Ed.

PREVIDELLI, J. de J. **Mudanças organizacionais em multinacionais**: estudo exploratório das EBIMs (Empresas Brasileiras Internacionalizadas no Mercosul). São Paulo, 2001. Disponível em :<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis>>. Acesso em: 28 nov. 2009.

SANTOS, R. da C. **Manual de gestão empresarial**: conceitos e aplicações nas empresas brasileiras. São Paulo: Atlas, 2007.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE-SP . **10 Anos de monitoramento da sobrevivência e mortalidade de empresas**. 2008. Disponível em: <<http://www.sebraeSP.com.br/>>. Acesso em: 25 fev. 2009.

YONEMOTO, H. W. **Os fatores externos e internos e a sua relação com o sucesso ou fracasso das empresas de pequena dimensão**. Florianópolis, 1998. Disponível em: <<http://www.biblioteca.universia.net>>. Acesso em: 25 nov. 2009.